



EDUCAÇÃO E IDENTIDADE: A Luta dos Povos Originários no Brasil

Resumo

A educação indígena no Brasil é fundamental para a preservação das culturas, línguas e saberes ancestrais dos povos indígenas, sendo essencial para o fortalecimento da identidade dessas comunidades. No entanto, enfrenta desafios significativos, como a falta de infraestrutura adequada nas escolas, a escassez de materiais e a ausência de formação de professores capacitados para lidar com as especificidades culturais e linguísticas dos alunos indígenas. A educação escolar indígena precisa ser diferenciada, respeitando as particularidades das comunidades, com uma abordagem intercultural, bilíngue e comunitária, que integre o conhecimento tradicional com o ensino formal. O papel dos professores é crucial, pois devem atuar como mediadores, promovendo o diálogo entre diferentes formas de saber e respeitando as culturas dos alunos. Além disso, é necessário que os professores estejam atentos às dificuldades dos estudantes indígenas, como a adaptação ao ambiente escolar com professores não indígenas e à convivência de culturas distintas. A educação indígena, portanto, não só deve ensinar conteúdos acadêmicos, mas também contribuir para a valorização das tradições e para o fortalecimento da identidade cultural dos alunos, preparando-os para os desafios do mundo contemporâneo sem perder suas raízes. A Constituição Brasileira de 1988 reconhece a educação como um direito fundamental da criança, o que inclui a educação indígena, e reforça a importância de uma educação inclusiva que respeite a diversidade cultural do país. Dessa forma, a educação indígena deve ser um espaço de resistência cultural e de fortalecimento das comunidades, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, plural e respeitosa com as diferentes culturas que formam o Brasil.

Palavras-chaves: educação escolar indígena, identidade cultural, prática educativa, alfabetização.

EDUCATION AND IDENTITY: The Struggle of Original Peoples in Brazil

Abstract

Indigenous education in Brazil is fundamental for the preservation of the cultures, languages and ancestral knowledge of indigenous peoples, and is essential for strengthening the identity of these communities. However, it faces significant challenges, such as the lack of adequate infrastructure in schools, the scarcity of materials and the lack of training of qualified teachers to deal with the cultural and linguistic specificities of indigenous students. Indigenous school education needs to be differentiated, respecting the particularities of communities, with an intercultural, bilingual and community approach, which integrates traditional knowledge with formal education. The role of teachers is crucial, as they must act as mediators, promoting dialogue between different ways of knowing and respecting students' cultures. Furthermore, it is necessary for teachers to be aware of the difficulties faced by indigenous students, such as adapting to the school environment with non-indigenous teachers and coexistence with different cultures. Indigenous education, therefore, must not only teach academic content, but also contribute to the appreciation of traditions and the strengthening of students' cultural identity, preparing them for the challenges of the contemporary world without losing their roots. The 1988 Brazilian Constitution recognizes education as a fundamental right of children, which includes indigenous education, and reinforces the importance of inclusive education that respects the country's cultural diversity. In this way, indigenous education must be a space for cultural resistance and strengthening communities, contributing to the construction of a more just, plural and respectful society with the different cultures that make up Brazil.

Keywords: indigenous school education, cultural identity, educational practice, literacy.

EDUCACIÓN E IDENTIDAD: La lucha de los pueblos originarios en Brasil



Resume

La educación indígena en Brasil es fundamental para la preservación de las culturas, lenguas y conocimientos ancestrales de los pueblos indígenas, y es esencial para fortalecer la identidad de estas comunidades. Sin embargo, enfrenta desafíos importantes, como la falta de infraestructura adecuada en las escuelas, la escasez de materiales y la falta de capacitación de docentes calificados para abordar las especificidades culturales y lingüísticas de los estudiantes indígenas. La educación escolar indígena requiere ser diferenciada, respetando las particularidades de las comunidades, con un enfoque intercultural, bilingüe y comunitario, que integre los conocimientos tradicionales con la educación formal. El papel de los docentes es crucial, ya que deben actuar como mediadores, promoviendo el diálogo entre diferentes formas de conocer y respetar las culturas de los estudiantes. Además, es necesario que los docentes sean conscientes de las dificultades que enfrentan los estudiantes indígenas, como la adaptación al ambiente escolar con docentes no indígenas y la convivencia con diferentes culturas. La educación indígena, por lo tanto, no sólo debe enseñar contenidos académicos, sino también contribuir a la valorización de las tradiciones y al fortalecimiento de la identidad cultural de los estudiantes, preparándolos para los desafíos del mundo contemporáneo sin perder sus raíces. La Constitución brasileña de 1988 reconoce la educación como un derecho fundamental de los niños, que incluye la educación indígena, y refuerza la importancia de una educación inclusiva que respete la diversidad cultural del país. De esta manera, la educación indígena debe ser un espacio de resistencia cultural y fortalecimiento de las comunidades, contribuyendo a la construcción de una sociedad más justa, plural y respetuosa con las diferentes culturas que conforman Brasil.

Palabras-clave: educación escolar indígena, identidad cultural, práctica educativa, alfabetización.

INTRODUÇÃO

Os povos indígenas buscam preservar sua identidade cultural por meio de suas próprias formas de vida em sociedade, e, a educação está inserida em uma dessas formas. A educação praticada pelo povo originário lhes permite que continuem podendo ser as pessoas que são e também, que suas culturas sejam transmitidas de geração em geração. Nesse sentido, entende-se que não existe nenhum problema no ensino, na educação dos povos indígenas, pelo contrário, existe uma solução indígena para a questão da educação.

No processo de educação escolar dos indígenas, a perda da identidade cultural e a eliminação das diferenças são percebidas como ameaças reais e inevitáveis. Para alguns estudiosos, essa perda e eliminação estão diretamente relacionadas à escola, que seria um dos fatores principais de padronização e uniformidade.

A escola é maior espaço de formação cultural e, portanto, precisa manter viva a cultura indígena. Partindo do contexto educação do povo indígena, pode-se observar que há um contraste histórico: visto que ainda há diversos povos indígenas com suas línguas e culturas; às vezes, sem suas línguas, mas mantendo suas culturas. Além de superarem desafios da época colonial, resistirem pressões, ultrapassarem obstáculos, os povos originários lutam por se fazerem existir e serem respeitados pelo que são, pela sua importância enquanto povo e cultura histórica. O povo indígena há muito vem lutando para manter sua identidade cultural e essa é mantida graças à estratégias criadas por eles. Uma das estratégias criada é a prática de ensino, educativa, pois entre os povos originários.

Assim sendo, há, apesar de tantos desafios e mudanças, entre esses povos, uma educação indígena que permite que seu modo de ser e sua cultura sejam transmitidos às novas gerações, além de prepará-los para enfrentar com relativo sucesso novas situações. Mesmo passando por situações diferenciadas, diante de mudanças sociais e educacionais, eles buscam preservar suas crenças, sua cultura e não se sentirem perdidos.



METODOLOGIA

De acordo com diversos estudiosos, como Gil (2012), Severino (2018), e Marconi e Lakatos (2017), a metodologia é a base que orienta os procedimentos de pesquisa, definindo as etapas necessárias para alcançar os objetivos estabelecidos. Nesse processo, são contemplados passos como a escolha do tema, levantamento bibliográfico, coleta de informações por meio de questionários ou entrevistas, análise de dados e, por fim, a interpretação dos resultados obtidos.

Nesse cenário, o presente artigo tem como foco principal discutir e analisar a educação do povo indígena dentro do processo de alfabetização, garantindo a preservação da sua identidade cultural. Para atingir esse propósito, foi conduzida uma pesquisa baseada em fontes bibliográficas. Segundo Lakatos e Marconi (2017), a etapa inicial de qualquer investigação científica consiste em um levantamento bibliográfico, no qual o pesquisador busca materiais previamente publicados por outros especialistas e teóricos que abordem o tema em estudo.

O levantamento bibliográfico desempenha um papel fundamental na elaboração de trabalhos científicos, pois fornece suporte teórico para a compreensão de fenômenos acadêmicos. Conforme destaca Severino (2018), a pesquisa bibliográfica é realizada a partir de registros disponíveis em materiais já publicados, como livros, artigos científicos, dissertações e teses, utilizando contribuições teóricas documentadas por outros pesquisadores.

Ainda segundo Marconi e Lakatos (2022), o levantamento bibliográfico é considerado uma etapa preliminar indispensável em qualquer pesquisa científica. Elas enfatizam a importância de revisar cuidadosamente as leituras realizadas para evitar redundâncias e direcionar o estudo de forma mais assertiva.

Nesse contexto, este trabalho seguiu uma abordagem de natureza bibliográfica. Em consonância com Severino (2018), os pesquisadores fundamentaram-se nas análises e contribuições disponíveis em textos de autores reconhecidos, os quais servem como ponto de partida para a investigação e discussão dos temas propostos.

DISCUSSÃO E RESULTADOS:

A educação é explicada de diferentes formas entre os povos indígenas, usam explicações próprias para o termo, fazendo uso de expressões e metáforas únicas. O objetivo principal da educação tradicional indígena é responder e entender o que significa ser um bom membro da sua comunidade, seja ela guarani, xavante, bororo ou rikbaktsa.

Essa educação tradicional geralmente envolve três aspectos interconectados: a língua, a economia e as relações familiares. Entre eles, a língua é o elemento mais abrangente e complexo. A forma como cada povo vive esse conjunto de relações define sua identidade única. A maneira como esses conhecimentos são transmitidos aos membros da comunidade, especialmente aos jovens, constitui a base da educação tradicional.

Na cultura indígena os momentos importantes da vida estão por exemplo, na escolha de um nome, o processo de ritual para a passagem para a vida adulta, o nascimento do primeiro filho ou a morte de um parente, toda a comunidade participa ativamente, reforçando os ensinamentos culturais. A questão que surge é até que ponto a escola deve ou pode substituir essa educação tradicional. Essa é uma discussão relevante e há diversas opiniões sobre o assunto.

No que tange a educação do povo originário, a tradicional, a mesma é responsável por fazer com que sua identidade seja mantida. Outrossim, essa identidade está ameaçada, visto que dentro do componente curricular, a língua nacional é imposta e a nativa, e que se precisa ser mantida viva.

Por outro lado, os povos indígenas lutaram e conquistaram direitos como materiais didáticos em suas línguas nativas, currículos adaptados às suas realidades e a formação de professores indígenas. No entanto, essas conquistas não são suficientes para reverter a perda da identidade cultural.

É preciso ressaltar que, apenas usar a língua com palavras indígenas não pode garantir que a educação seja realmente indígena; currículos adaptados podem acabar se limitando ao folclore; e



professores indígenas podem ser cooptados por instituições externas, dando a falsa impressão de que as demandas das comunidades foram atendidas.

Se requer também destacar que a preocupação em excesso com relação às características dos subgrupos dentro de uma etnia, pode fazer com que a educação pode ser fragmentada e assim, fazer com que uma abordagem mais ampla aconteça. É importante lembrar que, embora cada caso seja único, não se deve perder de vista o panorama geral.

Há também uma inquietação em relação aos professores indígenas mais jovens, que, por diferentes motivos, não tiveram acesso pleno a uma educação tradicional. Muitas vezes, esses educadores foram formados em contextos que diminuem ou até rejeitam os valores e práticas culturais de seus povos. Isso gera debates sobre como conciliar a formação acadêmica com a manutenção das tradições culturais. A educação é fundamental para manter vivas as tradições, línguas e conhecimentos antigos das comunidades indígenas. Proporcionar um ensino que reconheça e integre as especificidades culturais desses povos é um passo importante para promover uma sociedade mais equitativa e diversa. O respeito à diversidade cultural e o incentivo à interculturalidade são pilares indispensáveis nesse contexto educacional.

A educação indígena no Brasil enfrenta inúmeros obstáculos. Muitas escolas que atendem essas comunidades sofrem com infraestrutura inadequada, instalações precárias, escassez de materiais didáticos e limitada disponibilidade de recursos tecnológicos. Além disso, a grande diversidade linguística e cultural dos povos indígenas torna-se um desafio, já que muitas instituições escolares não valorizam as línguas nativas, priorizando exclusivamente o ensino em português. Essa abordagem contribui para a perda do patrimônio cultural e afasta os estudantes indígenas de suas próprias raízes.

Para enfrentar esses problemas, é essencial que a educação destinada às comunidades indígenas seja adaptada às suas realidades, intercultural, bilíngue, comunitária e sustentável. Isso implica incluir as línguas e tradições indígenas nos conteúdos escolares, investir na formação de educadores indígenas e incentivar a participação ativa das comunidades no planejamento e gestão do ensino. Ao reconhecer e fortalecer os conhecimentos tradicionais, a educação escolar indígena desempenha um papel central na preservação das culturas e na reafirmação da identidade dos povos indígenas.

No ambiente escolar, o trabalho dos professores possui diferentes características, dependendo da modalidade de ensino. Um exemplo é a educação indígena, que tem como foco o processo de alfabetização e letramento das crianças. Quando se trata do atendimento a crianças indígenas, a tarefa se torna ainda mais desafiadora para professores não indígenas, pois exige uma adaptação significativa, até mesmo em aspectos como os horários das aulas.

Segundo Cagliari (2012), o letramento vai além do simples aprendizado das letras. Ele envolve o uso social da leitura e da escrita, que começa a se desenvolver ainda na infância. Ensinar a escrita requer levar em conta habilidades motoras e cognitivas fundamentais, como segurar o lápis de maneira adequada, desenvolver a coordenação motora para escrever, manter uma postura correta, organizar o texto no papel e compreender a estrutura gráfica da escrita. Esse processo demanda tempo, dedicação total.

De acordo com Soares (2004), para que a escola cumpra seu papel, é essencial oferecer uma educação de qualidade, que inclua o desenvolvimento de conhecimentos sólidos, o fortalecimento de valores como responsabilidade e respeito, e a valorização da relação entre professores e alunos. A escola deve ser um espaço que não apenas promova o aprendizado, mas que também tenha um impacto positivo na cultura, política e sociedade da comunidade a que pertence. O ensino precisa estar baseado no letramento e em sua função social. Porém, a falta de domínio da língua materna das comunidades indígenas por parte de professores não indígenas pode dificultar ainda mais esse processo, atrasando o aprendizado e afetando a qualidade da educação oferecida.

O trabalho com o ensino em escolas indígenas a formação do professor precisa ser compatível com as necessidades dos estudantes, razão pela qual a atuação docente com esse público torna-se ainda mais desafiadora, principalmente em relação a comunicação, ou seja, a abordagem comunicativa da linguagem, não é suficiente para explicar todos os aspectos e funções da linguagem humana, principalmente nos anos iniciais da educação básica dos povos indígenas. A prática pedagógica do professor deve se basear em uma postura que incentive a busca por conhecimento, a realização de



questionamentos e a promoção de reflexões críticas, tanto por parte do educador quanto dos alunos. O professor não deve ser visto apenas como o detentor do saber, nem a criança como uma receptora passiva, mas sim como participantes ativos em um processo de aprendizado colaborativo e significativo.

Essa abordagem deve fomentar ações voltadas para a mudança, partindo da reflexão como ponto de partida para melhorar tanto o trabalho do professor quanto o aprendizado dos estudantes. No contexto da alfabetização, é essencial que ela esteja integrada ao letramento, tornando o ensino mais relevante e conectado às necessidades dos alunos.

A prática docente deve adotar metodologias que valorizem as experiências e os conhecimentos prévios das crianças, reconhecendo e respeitando a diversidade cultural e social que elas trazem para o ambiente escolar. Esse acolhimento torna o processo de alfabetização e letramento mais inclusivo, promovendo um espaço onde todos se sintam respeitados e valorizados.

Com uma abordagem reflexiva, contextualizada e centrada no aluno, o trabalho do professor se torna mais significativo e transformador, contribuindo não apenas para o desenvolvimento das habilidades acadêmicas, mas também para o crescimento pessoal e social dos estudantes.

E, de acordo com Soares (2004),

(...) dissociar alfabetização e letramento é um equívoco, visto que, nas atuais concepções de leitura e escrita, a entrada da criança (e do adulto analfabeto) no universo da escrita ocorre simultaneamente por meio desses dois processos. A alfabetização, referente à aquisição do sistema convencional de escrita, e o letramento, que envolve o desenvolvimento de habilidades para utilizar esse sistema em práticas sociais de leitura e escrita, são interdependentes e indissociáveis (Soares, 2004, p. 47).

É importante que se ressalte que a linguagem não é apenas um instrumento que se transmite informações, mas também um meio de interação social, de construção de identidades, uma forma de poder expressar as sensibilidades, os sentimentos e emoções, de realização de ações e de negociação de significados.

A linguagem é entendida como algo vivo, que muda e se adapta constantemente. Ela não se resume apenas às suas regras e estruturas, mas também envolve os modos como as pessoas a utilizam no dia a dia, suas práticas sociais, culturais e o contexto em que estão inseridas, especialmente entre os povos indígenas.

Segundo Bakhtin (2003), a linguagem nunca permanece a mesma; ela se transforma junto com as mudanças nos contextos sociais, históricos e culturais. Essa ideia mostra que a forma como usamos a linguagem está sempre evoluindo, refletindo as novas maneiras de expressar e comunicar as necessidades das pessoas em uma sociedade em constante movimento.

A linguagem é algo que muda conforme o contexto em que é usada, o objetivo da comunicação, o tipo de texto, quem está participando, o meio e o estilo usado. Além disso, ela se transforma ao longo do tempo, acompanhando as mudanças históricas, culturais e tecnológicas da sociedade, permitindo avanços que impactam a vida de todos.

Essas transformações representam desafios para os professores, pois a linguagem não é algo simples ou automático. Para quem ensina crianças indígenas, é essencial entender que a linguagem não é fixa e uniforme, mas algo vivo e diverso, que reflete a complexidade humana.

Diante desse cenário, é essencial entender que o ambiente escolar desempenha um papel crucial no desenvolvimento do estudante, ajudando-o a aprender a pensar, interagir e se expressar de maneira adequada. Além disso, é nesse contexto que ele começa a reconhecer e valorizar a riqueza da sua própria cultura, compreendendo a diversidade que existe no Brasil e a importância de respeitar as identidades de diferentes povos. Kramer (2001) destaca que o aprendizado não é um processo exclusivo dos alunos, mas também dos professores, que estão em constante evolução. A autora enfatiza que o trabalho pedagógico exige aprimoramento contínuo, pois as práticas de ensino são influenciadas



por muitos fatores e precisam de ajustes constantes para atender às mudanças e demandas do ambiente escolar.

Desde o nascimento, o ser humano está em constante busca por novos aprendizados, especialmente ao interagir com outras pessoas. Nesse sentido, pode-se afirmar que o ser humano é naturalmente inclinado a explorar, pesquisar e dominar diferentes tipos de conhecimentos, e o brincar é uma dessas formas de interação. As brincadeiras, desde os tempos antigos, sempre foram uma ferramenta educacional poderosa, estimulando a criatividade e o desenvolvimento infantil.

Freire (2018) vê o ser humano como um ser em constante transformação, sempre aberto a novas experiências e aprendizagens. A ideia de incompletude, para ele, não é uma limitação, mas sim uma oportunidade para o desenvolvimento contínuo.

A educação escolar exige que os professores tenham conhecimentos em diversas áreas, devido à natureza abrangente da formação que os alunos requerem. A formação do Brasil, que é resultado da mistura de diferentes culturas – indígenas, portuguesas e africanas – reflete-se nas histórias, jogos e brincadeiras que fazem parte da vida cotidiana das comunidades. Muitos desses elementos culturais, que foram passados de geração para geração, fazem parte do folclore brasileiro e continuam vivos na memória das pessoas, enriquecendo a educação e a cultura local.

O Brasil, ao ser um país formado pela união de diversas culturas, carrega uma herança rica e diversificada. Essa herança se reflete em muitas práticas culturais, como lendas, contos e superstições, que são transmitidas ao longo dos anos e mantidas vivas nas escolas e comunidades. Essa riqueza cultural, que se originou dos povos indígenas, africanos e europeus, ocupa um lugar importante na vida dos brasileiros e é fundamental para a construção da identidade nacional.

A Constituição Brasileira de 1988 reconhece a educação como um direito da criança e um dever do Estado. A partir desse momento, a visão sobre a infância passou a considerar a criança como um ser social, com direitos e responsabilidades. Isso trouxe uma mudança significativa na ação pedagógica, que agora se reflete em uma educação mais inclusiva e participativa, reconhecendo a criança como um sujeito ativo e engajado no processo de aprendizagem.

Nos últimos anos, a globalização trouxe mudanças profundas na educação, exigindo profissionais mais preparados e prontos para ajudar os alunos a desenvolverem habilidades que os ajudem a aprender e se inserir no mundo do trabalho. A linguagem, vista como uma ferramenta de comunicação entre diferentes culturas e povos, desempenha um papel importante nesse processo. Para que a comunicação funcione bem, é preciso que as pessoas dominem o sistema de regras da língua e o usem de forma clara e compreensível.

O professor, especialmente em contextos onde há interação entre estudantes indígenas e não indígenas, deve promover o diálogo, a troca de ideias e experiências. Mais do que um transmissor de conhecimento, ele precisa ser um mediador que estimula os alunos a construir seu próprio aprendizado. Essa postura inclui ouvir os estudantes, reconhecer erros e acertos, e buscar sempre melhorar.

No caso de crianças indígenas, pode ser difícil se adaptar à presença de um professor não indígena, já que suas culturas e costumes são diferentes. Por isso, o professor deve reconhecer as habilidades únicas de cada aluno e valorizar o que cada um pode contribuir. Isso ajuda as crianças a se sentirem respeitadas e importantes, mesmo com suas diferenças, criando um ambiente inclusivo e participativo.

Essa interação entre professores e alunos abre várias possibilidades para que todos colaborem no processo de ensino e aprendizado. Ferreira (2010) destaca que integrar diferentes saberes nos torna mais capazes e eficientes, reforçando a importância de compartilhar conhecimentos e perspectivas. A relação entre professor e aluno precisa ser baseada no diálogo, no respeito e na reflexão. O professor deve valorizar as experiências e culturas dos estudantes, contribuindo para formar cidadãos conscientes, autônomos e engajados. Segundo Libâneo (2007), o professor é um mediador que cria um ambiente onde o aluno participa ativamente da construção do conhecimento, desenvolvendo autonomia e pensamento crítico.

O papel do professor, portanto, é o de planejar, selecionar e organizar os conteúdos, programar tarefas, criar condições de estudo dentro da classe, incentivar



os alunos para o estudo, ou seja, o professor dirige as atividades de aprendizagem para os alunos a fim de que estes se tornem sujeitos ativos da própria aprendizagem (Libâneo, 2007,91).

Para superar barreiras culturais e sociais, o professor precisa estar consciente de sua posição na sociedade e das questões de poder que envolvem a educação. Ele deve estar atento aos desafios ao seu redor, buscando entender as necessidades dos estudantes e se preparar, tanto para os problemas atuais quanto para os que podem surgir no futuro. É importante lembrar que a leitura é um processo ativo e dinâmico, em que o leitor participa ativamente na construção do significado do texto. Cada pessoa interpreta o que lê a partir de suas expectativas, experiências e estratégias, o que torna o leitor um participante ativo, e não apenas alguém que recebe informações. Conforme o leitor se envolve com o texto, novas possibilidades de interpretação surgem, fortalecendo a conexão entre eles e gerando resultados positivos.

Além disso, a leitura é uma prática que acontece em diferentes contextos sociais e culturais. Ela envolve a interação do leitor com o texto, com o autor, com outros leitores e até com sua comunidade. Fatores como o tipo de texto, o objetivo da leitura e as ideias do autor e do leitor influenciam esse processo.

De acordo com Oliveira e Lima (2021), o professor tem um papel importante em ajudar os alunos a desenvolverem suas habilidades de leitura, levando em conta as diferentes maneiras de interagir com os textos. Essas interações alimentam o pensamento crítico e ampliam o conhecimento dos estudantes.

Para alcançar bons resultados na leitura, na escrita e na interpretação, o professor deve não apenas incentivar os alunos, mas também escolher textos que sejam adequados aos objetivos do ensino e que reflitam os interesses e contextos sociais e culturais dos estudantes. Ele deve planejar atividades de leitura que despertem a criatividade, a reflexão e o pensamento crítico.

Em um mundo que está em constante mudança, o professor precisa estar atento às expectativas dos alunos e às novas oportunidades para melhorar o processo de ensino e aprendizado. Entre essas oportunidades está o uso das tecnologias digitais, que podem ser ferramentas poderosas para enriquecer o aprendizado e aumentar a interação dos estudantes, desde que sejam usadas de forma consciente e reflexiva.

Nesse cenário, o papel do professor vai além de apenas ensinar conteúdos. Ele precisa ser um guia que auxilia os estudantes a fazerem conexões entre o que aprendem na escola e suas experiências de vida. Essa abordagem valoriza a individualidade de cada aluno e reforça a importância de uma educação que respeite a diversidade cultural, social e intelectual presente em sala de aula. Promover um ambiente de diálogo e troca de experiências pode ser a chave para criar um espaço de aprendizado mais rico e significativo.

Outro ponto importante é a capacidade do professor de se adaptar às mudanças e de estar em constante aprendizado. A educação é um campo dinâmico, que exige do educador a habilidade de incorporar novas metodologias e ferramentas para atender às demandas de um mundo em transformação. A abertura para o uso de tecnologias digitais, aliada a práticas pedagógicas inovadoras, permite ampliar as possibilidades de ensino, tornando-o mais acessível e conectado à realidade dos estudantes.

Por fim, o professor tem a missão de formar cidadãos críticos e conscientes, independente de sua raça, etnia, para que esses sejam capazes de enfrentar os desafios de uma sociedade globalizada e em constante evolução. Isso exige não apenas transmitir conhecimentos, mas também inspirar os alunos a se tornarem protagonistas de suas trajetórias, respeitando suas origens e identidades. Quando o ensino é planejado com sensibilidade e propósito, ele não só transforma a vida dos estudantes, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e reflexiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação indígena ocupa um papel fundamental na preservação das culturas, línguas e saberes ancestrais, funcionando como um ponto de resistência frente às mudanças e pressões externas



que, historicamente, ameaçam a identidade desses povos. Mais do que um processo de transmissão de conhecimento, ela é um espaço de fortalecimento cultural e de construção coletiva, onde tradições e modernidades podem coexistir de forma harmoniosa. No entanto, garantir o acesso a uma educação inclusiva, respeitosa e que dialogue com as realidades das comunidades indígenas ainda é um grande desafio.

Os obstáculos enfrentados pelas escolas indígenas vão desde a falta de infraestrutura e materiais adequados até a dificuldade de formação de professores que entendam e respeitem as particularidades linguísticas e culturais dos povos que atendem. Para superar essas barreiras, é necessário investir em uma educação intercultural, bilíngue e comunitária, que valorize tanto os saberes tradicionais quanto os conhecimentos da educação formal. Isso requer uma postura aberta e comprometida por parte dos professores, que precisam atuar não apenas como transmissores de conhecimento, mas como mediadores que promovem o diálogo entre diferentes formas de saber.

A educação indígena tem o potencial de não apenas formar indivíduos capacitados para os desafios do mundo contemporâneo, mas também de ser um espaço de resistência e reafirmação identitária. Ao reconhecer e respeitar as culturas indígenas, a escola pode contribuir para a valorização da diversidade e para a construção de uma sociedade mais justa e plural. Esse processo, contudo, exige uma mudança de mentalidade: é preciso compreender que o aprendizado não deve ser uma via de imposição, mas uma troca rica e transformadora, onde todos – professores, alunos e comunidade – têm algo a ensinar e a aprender. Dessa forma, a educação indígena se torna um poderoso instrumento para o fortalecimento das identidades e para a construção de um futuro em que a diversidade seja celebrada e respeitada.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: Senado, 1997.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. 3. ed. Brasília: MEC, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Editora Scipione, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bo-bu*. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CALLAI, Helena Copetti. *A Geografia escolar e os conteúdos da Geografia*. In: A formação do profissional de Geografia: o professor. Coleção: Ciências Sociais. Ijuí: Ed. Unijuí. 2013. p. 39-59.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*, Paz e Terra, Rio de Janeiro, Brasil.2019.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. Ed. 52. São Paulo: Cortez, 2021

GIL, Antonio. Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas, São Paulo, Brasil,2019.

GIL, Antonio. Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. Atlas São Paulo, Brasil.2017

LIBÂNEO, José. Carlos. *Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas*. Educar, Curitiba, nº17, p. 153-176, 2001.

LIBÂNEO, José. Carlos. *Adeus Professor, adeus professora? novas exigências educacionais e profissão docente*. 13ª edição, Cortez Editora, São Paulo, Brasil. 2010.

LIBÂNEO, José. Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 28ª. ed. São Paulo: Loyola, 2020.



MARCONI, Maria. Anfrade; LAKATOS, Eva. Maria. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados*. 7ed. São Paulo: Atlas, 2022.

MORTATTI, Maria. Rosário. Longo (Org.). *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2012.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. *O professor como mediador das leituras literárias*. In: *Literatura: ensino fundamental* / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca Maciel, Rildo Cosson. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 204 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 20).

PRODANOV, Cleber, FREITAS, Ernani. *Metodologia do trabalho científico: da Pesquisa e do trabalho científico*, 2ª ed. Universidade Feedvale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil, 2013. Métodos e técnicas

SAVIANI, Demerval. *História da Educação no Brasil: um balanço prévio e necessário*. São Paulo: Eccos. Revista Científica. v. 10, p. 147-167, 2008.

SEVERINO, Antonio.José. *Metodologia do trabalho científico*. 21ª ed. São Paulo: Cortez, 2018.

SOARES, Magda. A reinvenção da Alfabetização. *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 9, n. 52, p. 1-21, jul/ago de 2003.

SOARES, Magda. *Alfabetização: A questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2018.

SOARES, Magda. *Letramento, um tema em três gêneros*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

Submetido em mês de dezembro de 2024

Aprovado em mês de fevereiro 2025

Informações do(a)s autor(a)(es)

Nome dos autores: Tatijana Bessa Bueno

Afiliação Institucional Doutoranda em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – Fics

ORCID: https://orcid.000.003_49356991

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0609005802124331>

Laura de Oliveira, Mestre em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – Fics

Email: lauraapoiopedagogico@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2847-5732>.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0609005802124331>

Cristiano do Nascimento Siqueira, Doutor em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – Fics

Email: dr.cristiano@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3168-3580>

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4008378459727817>